
As percepções de estudantes de classe média sobre o filme "Que Horas Ela Volta?"¹

Juliane Cristina BEE²

Ilka GOLDSCHMIDT³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, SC⁴

Resumo

O cinema é uma ferramenta que possibilita discussões e oportuniza conhecer outros pontos de vista. O presente trabalho busca entender quais são as percepções de estudantes do primeiro ano do ensino médio de uma escola particular de Chapecó, Santa Catarina, sobre o filme "Que Horas Ela Volta?". A partir da aplicação de questionários, exibição do filme, grupo focal e entrevistas de profundidade, a pesquisa analisa como os jovens compreendem as classes sociais e a Lei de Cotas. Para isso, foram utilizados conceitos teóricos de Alves, Bernardet, Butcher, Cesário e Martín-Barbero. O resultado apontou a falta de diálogo sobre esses temas na escola e no âmbito familiar.

Palavras-chave: Estudo de recepção; Cinema nacional; Que Horas Ela Volta?; Classes sociais.

Introdução

Para uns o cinema é arte, para outros, apenas entretenimento. No entanto, é a partir dele que temos a impressão de que é a própria vida que vemos na tela, brigas verdadeiras, amores verdadeiros (BERNARDET, 1985). O que vemos em cena desenvolve um tipo de efeito sobre nós, nos trazendo emoções, lembranças e nos fazendo refletir sobre a realidade. A diretora Anna Muylaert precisou de mais de 20 anos para levar às telas seu roteiro e filmar a história da relação entre uma empregada

¹Trabalho apresentado no IJ04 - Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Bolsista de pesquisa pelo Art.170, Estudante de Graduação, 7º período do curso de Jornalismo da UNOCHAPECÓ, email: julianebee@unochapeco.edu.br

³ Professora orientadora do trabalho, Mestre em Comunicação Social, Especialista em metodologia do Ensino Superior e professora do curso de Jornalismo da UNOCHAPECÓ, email: ilka@unochapeco.edu.br

⁴ Este trabalho foi desenvolvido com o apoio do estado de Santa Catarina por meio do Art.170, que concede bolsas de iniciação científica a estudantes de graduação.

doméstica nordestina e seus patrões, uma família de classe média alta. O enredo foi inspirado em sua própria história.

O filme “Que Horas Ela Volta?” (2015), objeto de estudo desta pesquisa, acompanha a história de Val (Regina Casé), uma mulher nordestina que se mudou para São Paulo em busca de emprego e melhores condições financeiras, deixando sua filha, Jéssica (Camila Márdila), morando com o pai. Na capital, Val trabalha como empregada doméstica para o casal Bárbara (Karine Teles) e Carlos (Lourenço Mutarelli), e ajuda a criar o filho deles, Fabinho (Michel Joealsas), que tem a mesma idade de Jéssica. Val dorme na casa dos patrões - algo comum no Brasil até a aprovação da PEC das domésticas⁵ que garantiu direitos trabalhistas básicos aos profissionais - e trabalha todos os dias da semana, 24 horas por dia, "uma situação que guarda muitas similaridades com o trabalho realizado em outros tempos pelas mulheres negras escravizadas" (PALOMA, 2017).

Figura 1: Val e sua filha Jéssica são as protagonistas de "Que Horas Ela Volta?"



Fonte: Google⁶

⁵ Em 2 de abril de 2012, entrou em vigor a PEC das Domésticas (PEC 66/2012). Os trabalhadores domésticos adquiririam uma jornada de trabalho de 8h por dia, totalizando 44 horas semanais, passando a ter direito à horas extras. Disponível em: <https://www.domesticalegal.com.br/pec-das-domesticas-5-anos-de-uma-conquista/> Acesso em: 25 mar. 2019

⁶ Disponível em: <https://bit.ly/2J5TWo0> Acesso em: 30 abr. 2019

Se por um lado a relação da família com Val era baseado em um modelo quase escravocrata, onde a empregada doméstica não pode ultrapassar a porta da cozinha, por outro lado, Jéssica, sua filha, tem a percepção de que todos têm os mesmos direitos. Diferente da mãe, ela teve acesso ao conhecimento, portando um olhar mais crítico sobre essa mesma realidade. A estudante veio a São Paulo, assim como a mãe, para melhorar as condições de vida da família. Porém, conquistando isso através do estudo. Por meio de uma universidade pública. Quando o filme apresenta essas questões e se torna polêmico por evidenciar este novo cenário brasileiro, surge uma pergunta: como sujeitos influenciados diretamente por essa nova realidade percebem essa história? Será que de tão evidente o filme nos cega?

Em seu filme, Anna Muylaert fez uso da nova configuração social que pairava sobre o Brasil. Entre 2006 e 2016, o perfil socioeconômico do país mudou, se caracterizando pelo fortalecimento da classe C. A ascensão dessa parcela da população se deve a fatores como a distribuição de renda e implementação de políticas públicas de assistência social, a exemplo, os programas Bolsa Família e Minha Casa Minha Vida. A partir dessa nova realidade, famílias passaram a investir em antigos sonhos, como o acesso à educação de qualidade.

A esse contexto soma-se uma importante política de ação afirmativa, a Lei 12.711, sancionada em 2012 pela então presidenta Dilma Rousseff, que estabelece uma reserva de 50% das vagas nos processos seletivos de universidades e institutos federais para alunos que cursaram todo o ensino médio em escola pública. São estudantes de famílias com renda inferior a um salário mínimo e meio, além de indígenas de diferentes etnias, que estão se fazendo presentes em salas de aula de cursos concorridos como medicina e engenharias, entre outras. Embora tenha sido criada para reduzir as fortes distorções que são observadas na sociedade brasileira, como as desigualdades no acesso ao ensino público, a polêmica em torno da Lei de Cotas está longe ser encerrada. Especialmente porque este sistema reduz as vagas disponíveis aos estudantes que originam de escolas privadas, que antes dessas políticas afirmativas, eram os principais beneficiados com as vagas nas universidades públicas brasileiras.

"Que Horas Ela Volta?" reflete esse quadro. A filha da empregada, vinda do nordeste, tem acesso a uma universidade pública de qualidade e o filho do patrão, que em toda sua vida estudou "nas melhores escolas", não consegue. O filme traz a debate questões centrais da luta de classes e provoca reflexões sobre um novo cenário. Mas de que forma esse cenário é visto pelos jovens de classe média, diretamente afetados pela Lei de Cotas? A pergunta norteadora deste estudo foi justamente "Será que o receptor jovem é capaz destas percepções e como um filme pode estabelecer estas relações". De onde parte o olhar desse jovem?

Contexto da recepção

Propor uma recepção filmica é abrir um leque de possibilidades de reflexão. Quando o tema abordado tem relação direta com situações vivenciadas no cotidiano do receptor é possível estabelecer conexões a partir da identidade. O receptor se vê, ou não. Seja como o filho do patrão ou como a filha da empregada, ou sem se identificar. Para trabalhar a comunicação e essa troca entre emissor e receptor, Jesús Martín-Barbero utiliza do conceito de mediação.

A mediação é um filtro que opera social e culturalmente, implicando diferentes construções de sentidos a partir de determinações sócio-culturais. "O espaço geográfico é extremamente importante, apesar das pessoas interagirem diferentemente nesse mesmo espaço. É no bairro que a pessoa é alguém, tem um nome, tem uma vida, tem uma história" (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 60). Entender o contexto que esse jovem está inserido nos possibilita compreender o porquê de suas percepções.

A recepção do filme "Que horas ela volta?" foi realizada com estudantes do primeiro ano do ensino médio do Colégio Energia, uma escola particular de Chapecó. O município está localizado na região Oeste de Santa Catarina e possui uma população estimada em mais de 216 mil habitantes. Os indicadores socioeconômicos da cidade estão entre os mais elevados do país. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de

0.790⁷, sendo o 67º maior IDH municipal do Brasil e o 12º de Santa Catarina. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2018), no ano de 2016 o salário médio mensal em Chapecó era de 2.7 salários mínimos.

Após a escolha do colégio, foi realizada uma visita de campo e uma conversa com a direção e coordenação. Definida a turma, foi aplicado um questionário socioeconômico e de consumo. A opção metodológica escolhida foi a exibição do filme na escola e, em seguida um Grupo Focal, que pode ser considerado um tipo de pesquisa qualitativa, usado para perceber os aspectos valorativos e normativos pelo viés de um grupo em particular (COSTA, 2005). Perguntas que possam ser respondidas apenas com "sim" ou "não" devem ser descartadas, pois é importante estimular uma discussão entre o grupo. Para Costa (2005), a ordem das questões também deve ser levada em consideração, indo das gerais para as mais específicas.

Haviam 29 estudantes na sala de aula, dois mediadores e uma professora. O Grupo Focal, após a exibição do filme, teve a duração de 30 minutos, tendo sido apresentadas para debate, no total, dez questões. Para facilitar a coleta de dados e a transcrição das informações, foram utilizadas uma câmera fotográfica e um gravador. O receio de que a câmera fosse inibir os alunos logo foi descartado. A sensação era a de que os estudantes sentiam-se seguros para expressar suas opiniões porque estavam sendo "ouvidos".

Questionados sobre o tema principal do filme, os estudantes disseram logo se tratar de conflitos entre classes sociais, relações familiares e preconceito. Em uma pergunta a respeito da personagem Jéssica, a professora presente na sala emitiu sua opinião, dizendo que a estudante conseguiu passar no vestibular por meritocracia. Os alunos concordaram e continuaram falando sobre os esforços da personagem. Quando perguntados se já se identificaram com alguma das situações uma estudante disse que sim, "eu gosto muito da minha 'tata'⁸".

⁷Dados do último censo do IBGE (2010) Disponível em:
<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores_sociais_municipais/indicadores_sociais_municipais_tab_zip.shtm> Acesso em: dez. 2018

⁸ A expressão "tata" é comumente utilizada na região Oeste de Santa Catarina para se referir a babás e empregadas domésticas.

Uma das alunas destacou que o personagem Carlos abusou de Jéssica, "ele se aproximou de uma forma que ela não tinha dado espaço". A filha de Val também foi chamada de revolucionária por uma aluna, "acho que ela representa a revolução feminina, como a mãe dela tinha mais idade e ela tinha outra, ela via as coisas de uma forma diferente". Entre as cenas que mais chamaram atenção dos alunos está o momento em que Bárbara repreende Val por esta utilizar o jogo de xícaras que deu de presente à patroa em sua festa de aniversário. Tempos depois, quando Val pede demissão, ela usa o jogo em sua casa, misturando as xícaras pretas e brancas.

Outro momento do filme bastante mencionado foi a cena da piscina. Após saber da aprovação de sua filha no vestibular, Val entra na piscina dos patrões. Algo inédito nos anos em que trabalhou na casa da família. Ela faz questão de dizer isso a filha, fazendo barulho com a água. Para os alunos, neste instante Val "mudou sua percepção de mundo". Segundo os estudantes, eles recomendariam esse filme a sua família e amigos.

Figura 2: momento em que a personagem Val (Regina Casé) entra na piscina



Fonte: Google⁹

⁹Disponível em: <https://bit.ly/2LdThU4> Acesso em: 30 abr. 2019

Os receptores

Para traçar o perfil dos receptores foram utilizados os questionários socioeconômico e de consumo entregues no primeiro contato. Cerca de 32 alunos responderam às perguntas. A maioria dos estudantes é menina correspondendo a 66.7%. Os meninos somam 33.33%. Quando indagados em relação a cor, 93.94% dos receptores se definiram como brancos e 6.06% não responderam. Conforme a classificação do IBGE, se a renda mensal é de até dois salários mínimos a classificação é Classe E, de 2 a 4 salários é Classe D, de 4 a 10 salários mínimos é Classe C, de 10 a 20 salários mínimos é Classe B, e acima de 20 salários é Classe A.

Dos entrevistados, 33.33% possuem renda familiar superior a 12 salários mínimos. 24.14% têm uma renda familiar de até 12 salários mínimos, 18.18% até 9 salários mínimos, 18.18% até 5 salários mínimos, 3.03% até 2 salários mínimos e 6.06% não responderam. Com isso pode-se observar que a maioria dos estudantes é de classe média a alta. O estudante que respondeu até dois salários mínimos (cerca de R\$1.996 reais) é bolsista no colégio, recebendo um auxílio da prefeitura por jogar na equipe municipal de handebol. Hoje, o valor da mensalidade no colégio está R\$990, quase um salário mínimo, R\$998.

Mais da metade dos estudantes residem em Chapecó enquanto os outros viajam todos os dias até a cidade para estudar. Dos estudantes, 90.91% procedem da área urbana do município e 9.09 % vêm da zona rural. Grande parte reside com os pais ou familiares. Partindo para questões em relação ao consumo de mídia, todos os estudantes afirmaram no questionário ter acesso a internet em casa. Os jovens assistem em primeiro lugar o serviço de streaming Netflix, seguido da TV fechada, jornais e filmes, novela, futebol e documentários.

Em relação ao cinema, a maioria, cerca de 78.79%, vai ao cinema regularmente. Hoje, a meia entrada de estudante para o cinema de Chapecó custa R\$12,00 normal, sem 3D. Supondo que o estudante vá duas vezes ao mês no cinema, ele gastaria

R\$24,00. Por ano, seriam gastos R\$ 28,00 em ingressos de cinema, mais do que $\frac{1}{4}$ de um salário mínimo, R\$998,00¹⁰. Isso sem contar a pipoca, o refrigerante e o transporte.

Os estudantes também foram questionados sobre o cinema brasileiro e 69.70% afirmaram conhecer filmes nacionais. Em uma pergunta aberta os estudantes foram provocados a citar os nomes dos filmes brasileiros que conhecem. O filme *Até Que a Sorte nos Separe* (Globo Filmes) foi citado 12 vezes. *Minha Mãe é uma Peça* e *SOS Mulheres ao Mar*, também da Globo Filmes, foram citados seis vezes. *O Tempo e o Vento*, *Faroeste Caboclo*, *A Lei é Para Todos*, *Cidade de Deus*, *De Pernas pro Ar*, *Era uma Vez*, *Loucas para Casar*, *Saneamento Básico* e *Olga*, foram citados apenas uma vez.

Particularidades, consumo e mediações

Para a etapa da entrevista em profundidade e para a percepção das mediações e fatores que influenciam o estudante na recepção fílmica, foram mapeados oito estudantes, quatro meninos e quatro meninas, todos com 15 anos de idade, faixa etária média da turma. No entanto, dos oito alunos, apenas seis aceitaram conversar com a pesquisadora. Para a escolha do grupo alguns fatores foram levados em consideração, como a participação no grupo focal. Optamos por alunos que participaram ativamente da discussão e alunos que não se manifestaram. Outro critério foi a renda familiar mensal. Um dos estudantes possui renda mensal de até 2 salários mínimos, dois assinalaram até 9 salários mínimos, dois colocaram até 12 salários mínimos e um assinalou acima de 12 salários.

A primeira estudante a ser entrevistada foi Laura¹¹. A estudante tem uma irmã mais velha, mora com uma tia nos dias da semana, mas volta para sua cidade natal, Palmitos nos finais de semana. Sobre as produções brasileiras, suas favoritas são as biografias históricas, citando *Olga* e *Getúlio*. A estudante não liga muito se é nacional ou estrangeiro, o que chama sua atenção é o conteúdo.

¹⁰ Desde o dia 1º de janeiro de 2019 o salário mínimo no Brasil está definido em R\$ 998

¹¹ Os nomes são fictícios, eles foram mudados para preservar a identidade dos estudantes.

Sobre o filme *Que Horas Ela Volta?*, as cenas que mais chamaram atenção de Laura foram a Jéssica comendo o sorvete do Fabinho, Jéssica entrando na piscina, a Val entrando na piscina e o Fabinho embarcando para um intercâmbio na Austrália depois de reprovar no vestibular. Pra ela, o filme fala sobre mudança. Um mudança interna que a Val passa. Como a vinda da Jéssica mudou a perspectiva de vida dela, pra melhor. Dos personagens, Laura diz se identificar com Fabinho, pois se não passasse no vestibular ganharia uma viagem e não precisaria começar a trabalhar, e também com a Jéssica, por ansiar mudanças.

O segundo a ser entrevistado foi Jonas. Ainda durante o Grupo Focal, quando perguntados se conheciam alguém do nordeste, alguns estudantes apontaram para o adolescente e falaram "Tocantins". Jonas respondeu "fica no norte". Depois desse momento a professora disse que a turma se refere a ele como Tocantins. Durante a entrevista, quando perguntado sobre o assunto, ele diz que não se importa mais. É o lugar de onde veio e se orgulha.

Antes de estudar no Colégio Energia, o adolescente estudou em escolas particulares. Ele conta que não tem o pensamento parecido com os colegas, pois já viveu em outros lugares e tem uma visão mais ampla

Todo filme me chamou atenção pelo que ele quer retratar. Talvez a cena que a menina entrou na piscina e no outro dia a dona da casa, a esposa, disse que tinha um rato. Achei bem exagerado. Mas achei a menina errada também em comer no pote de sorvete que não era dela. Achei atitudes equivocadas. (Jonas em entrevista à pesquisadora em 7 nov. 2018)

Segundo a diretora do filme, Anna Muylaert, a personagem Jéssica foi interpretada por alguns espectadores justamente como “uma pessoa arrogante”, ao querer ser tratada como hóspede da casa onde a mãe trabalha (ALMEIDA et al., 2017, p.8 apud ROSÁRIO, 2017). Diferente de Val, Jéssica teve acesso à educação formal e nunca foi empregada, então não tinha conhecimento das regras que, segundo Val, as pessoas já nascem sabendo.

A terceira entrevistada foi Isadora. A estudante gostou do filme *Que Horas Ela Volta?*, principalmente do final, quando a personagem Val entra na piscina, mostrando

ser igual aos padrões, e não inferior. Isadora disse que se identifica com a Jéssica. Ela aponta a personagem como mal educada e persistente. **Isadora** acredita que não existem oportunidades iguais no Brasil e que deveriam ser ampliadas as oportunidades de estudo. Em relação às cotas ela fica dividida.

Eu acho que todo mundo deveria ter direitos iguais, independente da classe, mas muitas vezes quem tem uma classe mais alta tem estudo melhor, pode fazer cursinho, ter acesso a um ensino médio melhor do que tem classe mais baixa. Como eu estudei em escola pública sei como é e a diferença. Fico meio dividida. Sou a favor de direitos iguais, mas olhando por esse ponto, sabe.. (Isadora, em entrevista à pesquisadora em 7 nov. 2018)

Apesar de ter estudado em escola pública, a estudante tem uma realidade diferente de muitos jovens no Brasil. **Isadora** é branca, mora em uma casa própria, não tem colegas negros, possui empregada doméstica, sua família possui carro próprio e ela viaja todos os dias para estudar no colégio, voltando para sua cidade a tarde. A estudante tem oportunidades. As cotas são justamente isso, oportunidades de estudo para estudantes de baixa renda. No entanto, elas não são abordadas dessa forma, muitas vezes sendo vistas como algo negativo, “tirando vagas de quem merece”.

A terceira entrevistada foi Marina. Diferente dos outros estudantes ela já havia assistido o filme *Que Horas Ela Volta?*. A estudante diz se identificar com Jéssica, pois também busca liberdade, viver sua própria vida. Assim como ela, também mudou de cidade em busca de independência. No artigo "Uma análise demográfica do filme *Que horas ela volta?*", Almeida *et al.* (2017) aborda justamente a representatividade de Jéssica no filme. “A representação feminina no cinema ocorreu majoritariamente, a partir de valores masculinos, por isso a modificação da imagem da mulher na comunicação e nas artes é importante para o movimento feminista” (ALMEIDA, *et al.*, 2017, p.17).

Joaquim foi o quarto entrevistado. Quando está em casa, Joaquim gosta de ficar navegando nas redes sociais. Apesar de assinar a Netflix, raramente assiste. Televisão também não. Sobre o cinema brasileiro, ele acha ótimo, as comédias chamam sua atenção. O resto ele “não acha muito bom”.

Joaquim pode pensar isso por não ter acesso a outros filmes, produzidos de forma independente, que abordam os outros temas, mas que não tem o mesmo alcance que as produções de grandes produtoras. Embora o mercado brasileiro de cinema tenha se desenvolvido com resultados importantes na última década, a distribuição dos filmes no Brasil segue sendo um problema a ser enfrentado pelos produtores nacionais (ALMEIDA; BOZZETTI, 2016, p.4). Almeida e Bozzetti (2016) comentam que a Lei da TV Paga auxilia na propagação de filmes independentes, mas eles não chegam a **Joaquim**, que não assiste TV. Para o estudante, *Que horas Ela Volta?* fala sobre as classes sociais no Brasil, o desprezo da dona de casa pela empregada doméstica, mas exagera. Na opinião dele, a relação entre patrões e empregados não é tão forte assim.

O último estudante a ser entrevistado foi **Lucas**. A parte que mais lhe chamou atenção no filme foi quando Carlos tenta pedir Jéssica em casamento, "foi bem louco". Almeida *et al.* (2017) destaca justamente esse ponto do filme onde a personagem Jéssica, apesar de todo seu empoderamento, nas duas cenas em que é assediada por homens, pede desculpas. Se sentindo acuada. Nenhuma vez durante o grupo focal ou as entrevistas em profundidade, o assunto "assédio" foi abordado, com exceção da entrevista com **Lucas**, um homem. Duas das entrevistadas mulheres não souberam expressar o episódio, mas Laura o caracterizou como "nojento". Assédio sexual ainda é um tabu e a culpabilização da mulher pode ter influenciado nesse pensamento. **Lucas**, o único falar sobre isso, tem uma mãe professora universitária, que pode ser responsável por gerar conversas e discussões acerca de temas atuais dentro de casa.

Ele conhece a Lei de Cotas, mas diz não ter uma opinião formada sobre. "Acho que existem os dois lados da moeda. Até hoje não defini qual é o melhor". De um lado existe a dívida histórica e de outro a realidade implicando na educação do aluno, que não saberia o que fazer.

O pensamento de **Lucas** não é exclusivo dele. A desigualdade intelectual entre alunos cotistas e não cotistas é sempre usado como justificativa contrária às cotas. Segundo um artigo da Universidade Federal de Minas Gerais, "Inclusão Social: um debate necessário" (s/a), essa justificativa é falha. Em universidades que adotaram as cotas, não houve perda da qualidade do ensino. O desempenho é o mesmo, não há

diferenças consideráveis. Por outro lado, o estudo também evidencia que o estímulo e a motivação são muito importantes para um bom desempenho acadêmico. **Lucas** acredita que hoje o capitalismo não permite que as pessoas tenham oportunidades iguais.

Considerações finais

Antes da exibição do filme, na apresentação do processo de pesquisa para os estudantes, a turma foi questionada pelas pesquisadoras se tinham o hábito de assistir filmes na escola e eles falaram que não. Essa seria a primeira vez. O colégio não tem a cultura de passar filmes como uma forma de aprendizagem. Nos questionários foi possível observar que alguns dos estudantes que trouxeram referências filmicas das escolas anteriores estudavam em escolas públicas. Na entrevista de profundidade, Laura¹² chegou a comentar que em sua antiga escola isso era muito incentivado e ela assistiu muitos filmes históricos, que acabaram despertando seu gosto pela história, uma de suas matérias favoritas e - quem sabe - possível profissão. Ela é uma das exceções, estudava em uma escola particular de Palmitos, no interior. Isadora também veio de uma escola particular de outra cidade, Xaxim, e em seu colégio também eram passados filmes. Já no Colégio Energia, local em que a pesquisa foi realizada, essa prática é muito rara, praticamente inexistente. Conforme a coordenadora, no futuro a ideia é criar um cineclube, mas não em horário de aula, e sim nas tardes que os estudantes não têm atividade curricular. Ou seja, o cinema não é visto como um instrumento de ensino pelo colégio.

Um comentário durante a realização do grupo focal se destacou entre os demais. Enquanto os estudantes falavam sobre a personagem Jéssica, a professora de artes, presente na sala de aula, se manifestou interrompendo os estudantes para falar que tudo que ela conquistou foi pela meritocracia. Pensamento compartilhado pelos estudantes naquele momento e durante as entrevistas com profundidade. Nenhum deles associou a entrada de Jéssica na universidade às políticas públicas. Para eles ela é um caso “raro” de quem estuda muito e teve um bom professor.

¹² Os nomes foram modificados para preservar a identidade dos estudantes.

Os estudantes têm uma visão distorcida sobre a Lei de Cotas visto que se ela tivesse entrado por cotas “não precisaria nem estudar, teria uma vaga garantida”. Para eles, a Lei de Cotas não tem concorrência. "Qualquer um entra, por isso têm dificuldades para se manter depois", situação esta que não é verídica, mas não há o aprofundamento do debate na escola. No colégio as cotas são vistas como algo ruim, que não ajuda em nada, só prejudica os estudantes de escola particular.

Nenhum dos alunos se mostrou favorável às cotas, mas quando perguntados se existem oportunidades iguais no Brasil eles disseram que não. E de que forma esse problema pode ser solucionado? Segundo eles, por meio da educação. Dando oportunidades aos jovens. Esse é justamente o objetivo previsto na Lei de Cotas, dar oportunidade a jovens de baixa renda ao ensino superior. Falta aos estudantes e a escola entender o que são as cotas e abordar exemplos, relatos de estudantes cotistas, suas experiências na universidade. E o Cinema Brasileiro pode ser um importante instrumento para trazer à sala de aula essas discussões e conhecimentos, a exemplo do filme tratado neste estudo.

A personagem Jéssica também despertou divergências entre os estudantes. Muitos a consideraram "desbocada" enquanto outros a viram como "revolucionária". A verdade é que Jéssica é o calo da sociedade patriarcal em que a mulher livre e empoderada é vista como arrogante. A jovem não pertence àquele lugar pois não segue as regras. Mas que regras? As amarras invisíveis que dividem a sociedade entre ricos e pobres. Jéssica é o retrato da Classe C que, com o auxílio das políticas públicas, teve acesso ao ensino superior. Sua perspectiva de futuro é diferente de sua mãe e avó. O filme aborda as classes sociais e os estudantes perceberam isso.

Também foi nítida a falta de diversidade étnica entre os estudantes. Dos 33 alunos, todos se autodeclararam brancos. O ponto foi levantado durante a entrevista de profundidade. Segundo os estudantes, eles não tem nenhum colega negro na sala. Todos são de Chapecó ou de municípios da região, exceto um aluno que recebeu o apelido de Tocantins, por ter nascido no estado do Tocantins. Uma forma de preconceito velada, percebida durante o Grupo Focal.

Culturalmente a presença da "tata" é comum nos lares de classe média a alta da região. O filme e as discussões trouxeram outras perspectivas sobre a empregada doméstica aos alunos. Quando questionados se tinham empregadas, depois do "sim" eles respondiam que não era como o filme. A tata é da família, senta na mesa durante as refeições. Outros contam com a ajuda de uma diarista, um elo mais distante. Ambos os casos divergindo da relação escravocrata - como mencionado por um entrevistado - de Val e seus patrões.

A pesquisa, desenvolvida com o apoio do estado de Santa Catarina, por meio do Art.170, se mostrou importante pois foi possível entender que, mesmo de forma próxima ou distante, os estudantes se identificam com as situações abordadas no filme. Através do estudo foi possível refletir sobre privilégios. Sobre uma bolha social que precisa ser estourada. Os jovens precisam ter contato com assuntos que os instiguem a refletir sobre sua própria realidade. Que os façam refletir sobre oportunidades. Se não são instigados no colégio, que sejam pelo cinema.

O Grupo Focal provocou questionamentos muito importantes e divergências entre os estudantes. A partir das entrevistas de profundidade conseguimos entender o por quê de tais comportamentos, o histórico de cada estudante, suas vivências e cotidiano. Os alunos estavam a vontade, foi estabelecida uma relação de confiança e eles falaram suas reais opiniões, sem o julgamento dos colegas. Após análise das respostas concluímos que o ambiente influencia - e muito - a percepção de uma pessoa que, quando não entra em contato com o diferente, não o entende ou o exclui. O cinema é uma ferramenta que possibilita discussões e oportuniza conhecer outros pontos de vista, essenciais para a construção do caráter. Principalmente dos jovens.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Gabriela Machado Ramos de; BOZZETTI, Augusto Ramos; A circulação do cinema universitário brasileiro: entraves na distribuição de longas-metragens estudantis. In: Congresso Brasileiro de Ciência e Comunicação (Intercom), 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: [s. n.], 2016.

ALVES, Paula et al. Mulheres no Cinema Brasileiro. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 24, n. 2, p.365-394, dez. 2011.

ALVES, Paula et al. **Presença feminina no cinema brasileiro: por que estamos tão longe.** In: Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré-Alas, 15, 2012, Teresina.

ALVES, Paula et al. **Uma análise demográfica do filme Que Horas Ela Volta?** In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 20, 2016, Foz do Iguaçu.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é Cinema.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BUTCHER, Pedro. **A reinvenção de Hollywood:** cinema americano e produção de subjetividade nas sociedades de controle. Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 2, 2004. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/23154/16515>>. Acesso em: 17 jun. 2018

CAMPOS, Cynthia. **Apresentação.** In: Ações afirmativas e política de cotas no Brasil: uma bibliografia de 1999-2012. 2013, Recife. Disponível em: <https://www.fundaj.gov.br/images/documentos/acoes_afirmativas_e_politicas_de_cotas_brasil.pdf> Acesso em 31 mar. 2019

CESÁRIO, Lia B. **Cinema Latino-Americano e Globalização:** Novos Desafios Econômicos, Políticos e Culturais. Rio de Janeiro: Rede Alcar, 2008.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 14 mar. 2019

IKEDA, Marcelo. **Cinema Brasileiro a Partir da Retomada.** São Paulo: Summus, 2015. Disponível em: <<http://konrad.unochapeco.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php>>. Acesso em: 13 set. 2018.

MARSON, Melina Izar. **O cinema da retomada: estado e cinema no Brasil da dissolução da Embrafilme à criação da Ancine.** 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, CAMPINAS, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013. 356 p.

PALOMA. **Que horas ela volta? - O lado que ninguém quer ver.** 2017. Disponível em: <<http://valkirias.com.br/que-horas-ela-volta-mulheres-esquecidas/>>. Acesso em: 3 out. 2018.

RODRIGUES, Fabiana. **O papel da mulher no cinema brasileiro contemporâneo.** In: LUSOCOM, 8, 2009, Lisboa.